

XV Congresso Internacional História da Loucura, Psiquiatria e Saúde Mental

VII Simpósio Internacional Mulheres e Loucura

Género como conceito e disforia de género como condição: nota histórica

Andreia Castanheira da Silva, David dos Santos
Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental – Unidade Local de Saúde Almada-Seixal



Introdução

A menção a **género** pode ser uma referência a identidade, expressão e/ou papéis de género.

A **identidade de género**, sendo auto-determinada, pode ser congruente (*cis*) ou incongruente (*trans*) com o sexo biológico (e, consequentemente, género presumido) atribuído à nascença.

A **disforia de género** tem correspondência na **incongruência** quando (se) associada a **sofrimento**.

Tanto para a sociedade, como para a comunidade científica, as questões relacionadas com a incongruência de género têm estado envoltas num interesse crescente. À **evolução** da **conceptualização** tem-se associado a evolução da **terminologia**, nomeadamente nas classificações diagnósticas, outrora estigmatizantes.



Objectivos

Abordagem da evolução histórica relativa ao **género** enquanto conceito e à **disforia de género** enquanto condição



Métodos

Revisão não sistemática da literatura

- Pesquisa bibliográfica na base de dados *PubMed*

Palavras-chave

- “identidade de género”
- “incongruência de género”
- “disforia de género”



Resultados e Discussão

Espelhada nas primeiras publicações reconhecidas no âmbito da Sexologia – no final do século XIX e início do século XX – encontrava-se uma indissociabilidade entre conceitos como identidade de género e orientação sexual. Com efeito, são disso exemplos os estudos de Karl Heinrich Ulrichs, relacionando a homossexualidade e a identidade de género *trans*. Somente a partir da segunda metade do século XX houve um afastamento dessas teorias.

O termo “**transexualismo**” foi cunhado por Magnus Hirschfeld, em 1923, aí já transparecendo uma distinção entre os conceitos de identidade de género e orientação sexual. Contudo, o termo só veio a popularizar-se posteriormente, em 1966, com Harry Benjamin – pioneiro no acompanhamento de casos de incongruência de género –, que propôs como definição “alguém insatisfeito com o seu género atribuído à nascença devido à sua anatomia e sexo biológico”, aquando da sua publicação “*The transsexual Phenomenon*”.

O que começou por figurar na CID-9 em 1975 e no DSM III em 1980 como “**transexualidade**” veio a ser substituído cerca de duas décadas depois por “**perturbação da identidade de género**” no DSM IV e, posteriormente, em 2013, por “**disforia de género**” no DSM V. A CID-11 em 2019 não somente substituiu “transexualidade” por “**incongruência de género**” como passou a integrá-la no capítulo das **condições relacionadas com a saúde sexual** ao invés de no das doenças mentais e comportamentais.



Conclusão

As supracitadas mudanças na terminologia vigente e na categorização diagnóstica associada foram acompanhando – e sendo reflexo – da evolução da conceptualização de género.

Em contraste com o carácter patológico plasmado na evolução histórica, o paradigma actual é o da **despatologização** da identidade de género, sendo o foco colocado sobre o **sofrimento associado à incongruência**.

A concepção da identidade de género tem também vindo a ser diversificada – a visão binária que a dicotomia mulher/homem encerra tem vindo a dar lugar a uma visão ampliada apoiada numa ideia de **espectro**.

A permanência da disforia de género nos manuais de doença mental pode ser entendida como controversa – por um lado, pode hipotetizar-se que perpetua a patologização da identidade transgénero mas, por outro, pode conceber-se o diagnóstico como forma de facilitar o acesso aos cuidados de saúde necessários e o investimento em investigação.

Referências:

1. American Psychiatric Association. (2013) Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. 5th Edition (DSM-5), American Psychiatric Association, Arlington, VA.
2. World Health Organization. (2019). International statistical classification of diseases and related health problems (11th edition).
3. WPATH (2022) Standards of Care for the health of transsexual, transgender, and gender nonconforming people. 8th version.
4. Beek, T. F., Cohen-Kettenis, P. T., & Kreukels, B. P. (2016). Gender incongruence/gender dysphoria and its classification history. International review of psychiatry (Abingdon, England), 28(1), 5–12.